

tamento. Investigadores e clínicos, reconhecidos como autoridades nas suas áreas, abordam diversas entidades nosológicas, como a perturbação de ansiedade generalizada (cap.6, J. Hudson, A. Hughes e P.C. Kendall); a perturbação de ansiedade de separação (cap.7, S. Mattis e D. Pincus); a perturbação de ansiedade social (cap.8, T. Morris); a perturbação obsessivo-compulsiva (cap.9, P. Barrett, L. Healy-Farrell, J. Piacentinni e J. March); a perturbação de stress pós-traumático (cap.10, S. Perrin, P. Smith e W. Yule); a recusa da escola (cap. 11, D. Heyne e N. King); a fobia específica (cap.12, T. Ollendick, T. Davis III e P. Muris); a perturbação depressiva major (cap.13, L. Seligman, A. Goza e T. Ollendick); as perturbações de abuso de substâncias (cap.14, H. Waldron e S. Kern-Jones); a perturbação de défice de atenção e hiperactividade (cap.15, K. Wells); a perturbação de oposição e desafio (cap. 16, R. Greene, J. Ablon, J. Goring, V. Fazio e L. Morse); por último, a perturbação do comportamento (cap.17, R. McMaddon e J. Kotler). Em cada um destes capítulos, depois de uma breve descrição da perturbação em causa, é fornecida, com grande detalhe, a avaliação e o tratamento de cada uma das perturbações. De igual modo, é dada especial atenção às estratégias de avaliação que possuem suporte empírico e demonstraram uma sensibilidade aos aspectos desenvolvimentais e culturais. Para além disso, os leitores dispõem ainda de informação pormenorizada acerca de como conduzir o tratamento e, em alguns casos, são mesmos apresentados excertos de manuais de tratamento. No seu conjunto, esta secção poderá ser de grande utilidade prática.

Finalmente, a Parte III, intitulada *Prevention Initiatives for Specific Emotional and Behavioural Disorders*, examina os programas de prevenção que procuram intervir em alguns problemas psicológicos, manifestados por crianças e adolescentes, antes de se tornarem uma perturbação clínica autónoma. Especificamente, são destacados os programas de prevenção para as perturbações de expressão interiorizada que conduzem à ansiedade e depressão (cap. 18, P. Barrett e C. Turner) e a problemas de carácter exteriorizado, como as perturbações de oposição e desafio (cap. 19, R. Prinz e J. Dumas), perturbações do comportamento (cap. 20, M. Sanders, C. Dadds, K. Turner e A. Ralph) e, ainda, as perturbações de abuso de substâncias (cap.21, C. Essau).

Não obstante a extensão deste volume (555 páginas), a presente obra é de grande utilidade prática, apresentando diversos quadros e figuras que facilitam ao leitor um acesso rápido a sínteses claras de informação conceptual, dados de investigações empíricas e instrumentos mais relevantes de avaliação e estratégias de intervenção. Em conclusão, podemos afirmar que existe uma evidência encorajadora de que é possível intervir, com sucesso, ao nível psicossocial, com crianças e adolescentes que apresentam já uma perturbação psiquiátrica e, igualmente relevante, prevenir a ocorrência, pela primeira vez, de algumas destas perturbações. Na globalidade, dada a diversidade de informação disponível, a credibilidade dos seus autores e a contemporaneidade da informação, esta obra torna-se indispensável para todos aqueles que se encontram ligados à investigação e prática clínica ou, de alguma maneira, envolvidos na política educativa e de saúde para a infância e adolescência.

**Marina Cunha**

*Instituto Superior Miguel Torga*

**Dalmiro Bustos. 2005. *Manual Para Un Hombre Perdido: El Hombre del Siglo XXI y Su Identidad*. Buenos Aires: Letra Viva. 153 pp. ISBN: 950-649-105-4.**

Dalmiro Bustos, psiquiatra e psicodramatista argentino, considerado o legatário de Jacob Levi Moreno na América Latina, procura, neste livro, reencontrar(-se) (n)a identidade do homem que julga sentir-se perdido, marcado por mitos e profecias (auto-realizáveis?), ao longo da história. Baseando-se na investigação decorrente da sua prática clínica, com homens de diferentes idades e diferentes origens socioculturais, o autor vai mergulhar na intimidade ou realidade do sentir masculino, fazendo emergir os mitos e valores que o povoam.

Convicto que os mitos antecedem o conhecimento e que o seu enraizamento baseia-se no facto de não necessitarem de demonstração alguma, o autor parte do significado da palavra que melhor se ajusta ao seu pensar – do grego *mythos*, significando relato ou narrativa de origem remota e significa-

ção simbólica – tendo como personagens deuses, seres sobrenaturais, fantasmas colectivos. E, assim, conduz o leitor numa viagem que inicia com uma primeira parte *Sobre Mitos y Leyendas* até chegar ao conhecimento da realidade que encontra numa segunda parte designada *Historias de Hombres*. O ponto de partida é uma visita ao paraíso em busca do primeiro homem, numa viagem do conhecimento pelos primórdios da mitologia judaico-cristã, em corte longitudinal, começando por entrevistar Adão e centrando-se, de seguida, nas figuras de Lilith e depois Eva.

Adão conta a sua história, ou as metáforas contidas na sua história e na criação da(s) sua(s) companheira(s). Através das palavras de Adão, o autor vai embrenhar-se nos limites entre o conhecimento e a mitologia, entre a ciência e o mistério, numa medição do tempo que corresponde a outra época, a do esquecimento do crescimento de Adão que, ‘por sina’, nunca foi menino. O primeiro criador, Yahvé, é apresentado como um ser total e indivisível, um ser que não fala, apenas ‘age e é’, mas cujas versões posteriores traduzem uma cultura que marca diferenças de género e de destino para homens e mulheres. Então, a fim de introduzir uma nova força ao ‘verbo’, Yahvé resgata a matéria, permitindo a entrada em cena (primeira alusão, ainda que subtil, aos instrumentos psicodramáticos) de um terceiro elemento: o barro. Engrossando a sua palavra pela materialização da argila, todos os factores subjectivos do sujeito, as suas lembranças mais antigas, mesmo anteriores à construção da sua consciência, encontram um objecto para deixar a sua marca. Mantém sempre presente a dissonância entre o poder daquele que protagoniza a criação – Yahvé, ou Deus – e daquele que a recebe – o homem – e permite uma abertura na direcção do simbólico ou do poder da metáfora, quando Yahvé toma a iniciativa de ligar a sua ‘palavra’ à fecundidade do barro, a partir do qual, com o seu sopro, cria Adão e Lilith.

Lilith, que foi, originalmente, a Rainha do Céu e criada directamente por Deus, tal como Adão, é sempre descrita de forma negativa, como o arquétipo da mulher indomada, que luta pelo poder pessoal com características de destemor, força, entusiasmo e individualismo. Ela representa actividade, a exuberância emocional e, para as religiões patriarcais, é a personificação da luxúria

feminina, que actua de noite, semeando o mal e a discórdia. Lilith é, de forma ardilosa, retirada da vida de Adão e cuidadosamente apagada dos escritos sagrados, permanecendo como símbolo de rebelião contra a repressão do feminino originalmente criado, na mente humana e na sociedade.

Mas Adão sente-se só e Deus cria Eva que, ao nascer de uma das suas costelas, é, portanto, condenada eternamente à inferioridade e à submissão, sendo, então, imposta culturalmente a todas as mulheres, distorcendo intencionalmente os aspectos femininos, com o intuito de os reprimir e estabelecer uma sociedade patriarcal. Ao substituir Lilith por Eva, o pai Yahvé ‘inventa’ a repressão e, por consequência, o inconsciente. Nesta perspectiva, Lilith seria anterior a Eva, o seu mito caracteriza a passagem do matriarcado para o patriarcado e a luta pela igualdade entre sexos, bem como o ‘anti-poder’, uma ideia que acompanha toda a obra de Bustos.

No segundo dia de visita ao paraíso, o autor concentra-se na história de Caim e Abel, os quais, de entre os muitos filhos de Adão, representam o primeiro estereótipo do conflito e divisão familiar, perpetuando mitos, a luta entre os Lílicos e os Evicos, entre o bem e o mal. A oportuna evocação do mito bíblico de Caim e Abel torna-se um pertinente tributo para o estudo das relações familiares, muitas vezes impregnadas pelo ciúme, rejeição, agressividade e, por fim, pela ‘criação’ da inveja.

De regresso do paraíso, Dalmiro Bustos atreve-se a assumir o processo terapêutico de algumas figuras da mitologia grega, como Eros (o psicodrama de Cupido), a par e ao mesmo nível, das terapias de ‘outros pacientes’ numa pesquisa sistemática da identidade masculina.

Eros ou Cupido era filho de Aphrodite e Zeus e irmão de Harmony (Harmonia), Phobus (Medo) e Deimus (Terror), sendo representado como uma das forças primitivas da natureza e a encarnação da harmonia e do poder criativo do universo. Retratado como um jovem nu com asas douradas, bonito, lançava flechas mágicas que inspiravam os sentimentos de amor nos deuses e humanos. Eros significava a vida, assistido por Pótos (ânsia) ou Himero (desejo) e, frequentemente, aparece com os olhos cobertos para simbolizar a cegueira do amor. Este deus divertia-se com a sua flecha até cair na sua

própria armadilha apaixonando-se por Psi-que, cuja beleza provocava grande ciúme a sua mãe, Afrodite, que a enviou para o inferno.

O autor desenvolve, de seguida, a sua concepção de homem, género e sexo, chegando à apresentação de uma figura até aqui subtilmente mascarada nas diferentes histórias e mitos, ou seja, 'sua majestade: o pénis' (p. 69). Neste momento Bustos expõe a sua visão de (matriz) de identidade, sob a luz da teoria psicodramática, recorrendo à formação e ensinamentos do seu mestre, Jacob Levi Moreno.

Na segunda parte do livro, o psicanalista inicia, então, outra viagem, agora pelo seu universo clínico real, com o relato de histórias e processos terapêuticos de pacientes, ilustrando de modo claro a sua percepção e dúvidas anteriormente expostas sobre a masculinidade e a procura constante de uma identidade própria que se encontra dominada ou mascarada, à semelhança de Eros, disfarçado de monstro para, assim, poder amar.

Finalmente, Bustos retoma outros mitos que, supõe, matizam a masculinidade. Desta forma, aponta a figura trágica e também rebelde de Prometeu, símbolo da humanidade, e que constitui um dos mitos gregos mais influentes na cultura ocidental. Prometeu roubou o fogo escondido no Olimpo para entregá-lo aos homens. O herói fez do limo da terra um homem e, por isso, roubou uma fagulha do fogo divino a fim de dar-lhe vida.

Para castigá-lo, Zeus enviou-lhe a bonita Pandora, portadora de uma caixa que, ao ser aberta, espalharia todos os males sobre a Terra. Como Prometeu resistiu aos encantos da mensageira, Zeus acorrentou-o a um penhasco, onde uma águia devorava diariamente seu fígado, que se reconstituía, para ser outra vez devorado, a cada novo dia. Por outro lado, a figura de Sísifo encarnava, na mitologia grega, a astúcia e rebeldia do homem frente aos desígnios divinos. A audácia deste herói criador, no entanto, motivou o exemplar castigo de Zeus, que o condenou a empurrar eternamente, ladeira acima, uma pedra que rolava de novo ao atingir o topo de uma colina. Esta punição evidenciava uma provável concepção grega do inferno como lugar onde se realizam, improdutivamente, trabalhos infrutíferos.

De facto, Dalmiro Bustos, através dos mitos e da sua (in)consistência com a realidade, mostra os conflitos e as ilusões potenciais da existência autêntica, mas também as possibilidades contidas na situação existencial presente, num itinerário que atravessa a realidade e a ficção expondo-se pessoal e intencionalmente em alguns momentos, como o protagonista e encenador dos seus próprios mitos. 'Pêro los que inventam mitos lo hacen tan solo para perpetuar la ignorância y lo temor supersticioso de mirar de frente a la vida ... y la muerte' (p.31).

**Margarida Couto**

*Instituto Superior Miguel Torga*